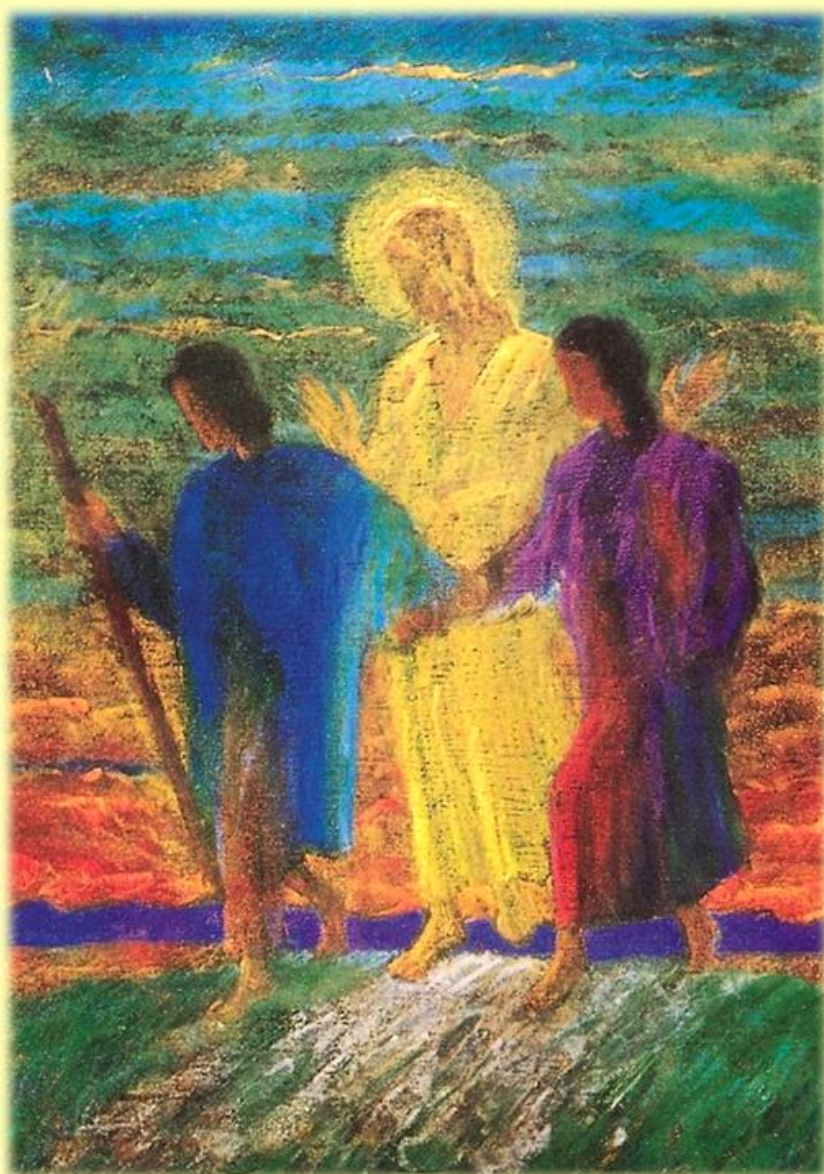


TRADITIO SCALABRINIANA

Sussidi per l'approfondimento



28

Novembre 2018

TRADITIO
SCALABRINIANA
Sussidi per l'approfondimento

28
Novembre 2018

Comitato di redazione
Anna Fumagalli, mss, Elizabeth Pedernal, mscs, Alfredo Gonçalves, cs

Layout:
Elizabeth Pedernal, mscs

Per il testo-base della *Traditio* Scalabriniana si veda il n. 1 (giugno 2005).

PRESENTAZIONE

L'emigrazione oggi è una realtà di dimensioni mondiali ed è questo il luogo cui noi ci riferiamo da quando esistiamo come Scalabriniani, per risponderci concretamente come missionari. Una conseguenza immediata dell'ampiezza di questo fenomeno è la sfida per la Chiesa a diventare più missionaria, cioè capace di uscire per incontrare il fratello straniero con stima e di testimoniare, nel contesto migratorio, la fede e la carità, accogliendo il contributo positivo degli altri.

Questo numero 28 dei quaderni *Traditio Scalabriniana* – che esce mentre si sta concludendo il XV Capitolo Generale dei Missionari Scalabriniani – ci dà l'opportunità di rivedere la nostra storia partendo da Colui che ci chiama e soffermandoci sulla nostra risposta creativa al dono che abbiamo ereditato. Da questo sguardo possiamo cogliere dove annunciare e testimoniare la bella notizia del Regno e come essere gente in esodo lì dove la missione ci sta chiamando.

L'articolo *Scalabrinian Spirit in 1914 and 2018* (Lo spirito scalabriniano nel 1914 e nel 2018), scritto da padre Pietro Paolo Polo *cs*, ci offre uno scorcio del cammino storico della formazione e della spiritualità scalabriniana nel contesto del concreto campo di missione. Facendo riferimento agli scritti storici della Congregazione p. Polo sottolinea le specifiche attitudini e caratteristiche che un vero missionario scalabriniano dovrebbe acquisire attraverso gli anni di formazione per poi metterle in pratica nella missione.

L'articolo di sr. Zélia Carolina Ornaghi *mcs* assume un valore speciale dato che lo scorso 17 ottobre sr. Zélia ha concluso il suo pellegrinaggio terreno. Nel suo articolo *O Senhor faz história no carisma scalabriniano* (Il Signore fa storia nel carisma scalabriniano) esplora come il carisma ereditato dal Fondatore stia crescendo nella vita e nella testimonianza delle Suore Scalabriniane. L'autrice parte dalla premessa che il carisma grazie al quale le congregazioni missionarie vivono il servizio umano, sociale e spirituale ai migranti è lo stesso carisma dato da Dio al Beato Giovanni Battista Scalabrini. Procedendo in questa stessa direzione si può affermare che il carisma di una famiglia religiosa è soprattutto un modo specifico e originale di incarnare il mistero di Cristo e di vivere il Vangelo.

Allo stesso modo l'articolo di Maria Grazia Luise *mss*, *Un Dio che scende e che "si fa scala a rovescio"*, si propone di approfondire la prospettiva della nostra vita come esodo continuo, che trova senso solo quando ha il suo centro in Gesù Cristo. La vita, infatti, acquista significato quando, pieni di gratitudine e speranza, possiamo sollevare la testa per trasformare, nelle piccole e grandi occasioni, il deserto del nostro mondo in un giardino ospitale. Non solo quel profondo esodo da noi stessi che ci apre a ricevere il dono dall'alto, ma anche tutti quei passi che, facendoci uscire da noi stessi per raggiungere chi più soffre, ci permettono di riconoscerci figli e fratelli come Dio si attende da noi.

Valorizzando la *Traditio Scalabriniana* come fonte preziosa per approfondire la nostra spiritualità scalabriniana insieme al Magistero della Chiesa sulla vita consacrata, possiamo rispondere a Papa Francesco che ci sollecita ad un pellegrinaggio, un cammino di sapienza, per respirare "l'aria pura dello Spirito Santo, che ci libera dal rimanere centrati in noi stessi" invitandoci a continuare ad essere "Chiesa in uscita"¹.

¹ Cfr. Congregazione per gli Istituti di Vita Consacrata e le Società di Vita Apostolica, *Scrutate*, 1 (che cita la *Evangelii Gaudium*).

APRESENTAÇÃO

Hoje em dia a emigração é uma realidade de dimensões mundiais, e é este o lugar do qual nós tomamos referência, desde que existimos como Scalabrinianos, para responder concretamente a essa realidade como missionários. Uma consequência imediata da amplidão deste fenômeno é o desafio para a Igreja, no sentido de tornar-se mais missionária, ou seja, capaz de sair de si mesma para encontrar o irmão estrangeiro com estima, e testemunhar, no contexto migratório, a fé e a caridade, acolhendo a contribuição positiva dos outros.

Este número 28 dos cadernos da *Traditio Scalabriniana* - que sai enquanto o XV Capítulo Geral dos Missionários Scalabrinianos está sendo concluído - nos dá a oportunidade de rever a nossa história, partindo d'Aquele que nos chama a determo-nos sobre a nossa resposta criativa ao dom que herdamos. A partir deste olhar, podemos identificar onde anunciar e testemunhar a Boa Notícia do Reino, e como ser gente em êxodo ali onde a missão nos está chamando.

O artigo *Scalabrinian Spirit in 1914 and 2018* (O espírito scalabriniano em 1914 e em 2018), escrito pelo padre Pietro Paolo Polo *cs*, nos oferece um vislumbre sobre o caminho histórico da formação e da espiritualidade scalabriniana no contexto concreto do campo da missão. Tomando como referência os escritos históricos da Congregação, o padre Polo sublinha as atitudes específicas e características que um verdadeiro missionário scalabriniano deveria adquirir através dos anos de formação para, depois, colocar em prática na missão.

O artigo da sr. Zélia Carolina Ornaghi *mcs* assume um valor especial, dato que no dia 17 de outubro passado sr. Zélia concluiu a sua peregrinação terrena. No seu artigo *O Senhor faz história no carisma scalabriniano*, discorre sobre como o carisma herdado do Fundador esteja crescendo na vida e no testemunho das irmãs scalabrinianas. A autora parte da premissa de que o carisma, graças ao qual as congregações missionárias vivem o serviço humano, social e espiritual aos migrantes, é o mesmo carisma dado por Deus ao Bem-aventurado João Batista Scalabrini. Procedendo nessa mesma direção, podemos afirmar que o carisma de uma família religiosa é sobretudo um modo específico e original de encarnar o mistério de Cristo e de viver o Evangelho.

Do mesmo modo, o artigo de Maria Grazia Luise *mss*, *Un Dio che scende e che "si fa scala a rovescio"* (Um Deus que desce e "se torna uma escada invertida") propõe-se aprofundar a perspectiva da nossa vida como êxodo contínuo, que encontra sentido somente quando tem o seu centro em Jesus Cristo. A vida, de fato, adquire significado quando, cheios de gratidão e de esperança, podemos erguer a cabeça para transformar, nas pequenas e grandes ocasiões, o deserto do nosso mundo em um jardim hospitaleiro. Não apenas aquele profundo êxodo de nós mesmos, que nos abre a receber o dom do outro, mas também todos aqueles passos, que fazendo-nos sair de nós mesmos para ir ao encontro de quem mais sofre, nos permitem reconhecer que somos filhos e irmãos como Deus espera de nós.

Valorizando a *Traditio Scalabriniana* como fonte preciosa para aprofundar a nossa espiritualidade scalabriniana, juntamente com o Magistério da Igreja sobre a vida consagrada, podemos responder ao Papa Francisco que nos chama a uma peregrinação, a um caminho de sabedoria, para respirar "o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de centrarmos sobre nós mesmos", convidando-nos a continuar como "Igreja em saída"².

² Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, *Perscrutai*, 1 (citando *Evangelii Gaudium*).

PRESENTATION

Migration is in our times a world-wide phenomenon, it is where the point of reference why we, as Scalabrinian existed, to respond effectively as missionaries to this phenomenon. An immediate consequence of this situation is the challenge to the Church to be more missionary, to go to meet the foreign brother and sister, to respect him or her, to bear witness, in this context, to his/her faith and his/her charity, and to accept the other positive contribution.

This issue of Scalabrinian *Traditio* 28, that comes out while the XV General Chapter of the Scalabrinian Missionaries is concluded, gives us an opportunity to look back and see, starting from the One who calls, turning to our creative response and the gift we inherited and to where to announce and witness the Good News of the Kingdom, to be people of exodus, where the mission is calling us!

The article *Scalabrinian Spirit in 1914 and 2018*, written by Fr. Peter Polo, *cs* gives us the glimpse of the historical path on Scalabrinian formation and spirituality with the allusion to their field of mission. With reference to the past congregational historian and writers, he underscores certain qualities and characters that a true and genuine Scalabrinian missionary must acquire throughout the formation years and how then it shall put in action in the mission.

The article of sr. Zélia Carolina Ornaghi, MSCS takes an special value, since last October 17 Sr. Zélia completed her earthly pilgrimage. Her article, *The Lord makes history in the Scalabrinian charism*, explores how Scalabrinian Sisters grow in living and witnessing the charism inherited from the founder. Her premise is that the missionary Congregations that is a gift to the serve the human, social and spiritual needs of the migrant, is the same charism given by God to the Blessed John Baptist Scalabrini. Streaming the same line, the charism of a religious family is above all a proper and original way of reproducing the mystery of Christ, and of living the Gospel.

In the same way, the article of Maria Grazia Luise, *mss*, *A God who descends and “becomes a ladder upside down”*, tries to deepen our perspective of life, a life that is a continuous exodus and can only have its meaning when it is centered in Jesus Christ. Life can have its meaning, when we can lift our heads and, full of gratitude and hope, to transform the desert of our world into a hospitable garden, both in the small and the large. Not only that profound exodus from ourselves, which opens us to receive a gift from above, but also all those steps that, taking us out of our self-centeredness towards the humanity that suffers most, allow us to recognize ourselves as sons and brothers as God awaits.

Recognizing the Scalabrinian *Traditio* as a source where we can deepen our Scalabrinian spirituality with the Church Magisterium concerning the religious life, we can link how we can respond to the invitation of Pope Francis to go for a *pilgrimage*, a path of wisdom, to breathe “the pureness of the Holy Spirit who frees us from 'being self-centered'”, inviting us to continue in being “the Church that goes out”¹.

¹ Cf. Congregation for Institutes of Consecrated Life and Societies of Apostolic Life, *Scrutate*, 1 (quoting *Evangelii Gaudium*).

PRESENTACIÓN

Hoy en día la emigración es una realidad de dimensiones mundiales, y este es el lugar del que tomamos referencia, desde que existimos como Scalabrinianos, para responder concretamente a esa realidad como misioneros. Una consecuencia inmediata de la amplitud de este fenómeno es el desafío para la Iglesia, en el sentido de llegar a ser más misionera, o sea, capaz de salir de sí misma para encontrar al hermano extranjero con estima, y testimoniar, en el contexto migratorio, la fe y la caridad, acogiendo la contribución positiva de los demás.

Este número 28 de los cuadernos de la *Traditio Scalabriniana* – que sale mientras se está clausurando el XV Capítulo General de los Misioneros Scalabrinianos– nos da la oportunidad de revisar nuestra historia, partiendo de Aquel que nos llama a detenernos sobre nuestra respuesta creativa al don que heredamos. A partir de esta mirada, podemos identificar dónde anunciar y testimoniar la Buena Noticia del Reino, y cómo ser gente en éxodo allí donde la misión nos está llamando.

El artículo *Scalabrinian Spirit in 1914 and 2018* (El espíritu scalabriniano en 1914 y en 2018), escrito por el Padre Pietro Paolo Polo cs, nos ofrece un vislumbre sobre el camino histórico de la formación y la espiritualidad scalabriniana en el contexto concreto del campo de la misión. Tomando como referencia los escritos históricos de la Congregación, el Padre Polo subraya las actitudes específicas y características que un verdadero misionero scalabriniano debería adquirir a través de los años de formación para, después, poner en práctica en la misión.

El artículo de la Hna. Zelia Carolina Ornaghi mscs adquiere un valor especial valor siendo que el 17 de octubre último Hna. Zélia concluyó su peregrinación terrena. En su artículo *El Señor hace historia en el carisma scalabriniano*, discurre sobre cómo el carisma heredado del Fundador está creciendo en la vida y en el testimonio de las hermanas scalabrinianas. La autora parte de la premisa de que el carisma, gracias al cual las congregaciones misioneras viven el servicio humano, social y espiritual a los migrantes, es el mismo carisma dado por Dios al Bienaventurado Juan Bautista Scalabrini. Procediendo en esa misma dirección, podemos afirmar que el carisma de una familia religiosa es sobre todo un modo específico y original de encarnar el misterio de Cristo y de vivir el Evangelio

Del mismo modo, el artículo de Maria Grazia Luise mss, *Un Dio che scende e che “si fa scala a rovescio”* (Un Dios que desciende y “se hace escalera al revés”) se propone profundizar la perspectiva de nuestra vida como un éxodo continuo, que encuentra sentido solamente cuando tiene su centro en Jesucristo. La vida, de hecho, adquiere significado cuando, llenos de gratitud y de esperanza, podemos alzar la cabeza para transformar, en las pequeñas y grandes ocasiones, el desierto de nuestro mundo en un jardín hospitalario. No sólo ese profundo éxodo de nosotros mismos, que nos abre a recibir el don del otro, sino también todos aquellos pasos, que haciéndonos salir de nosotros mismos para ir al encuentro de quien más sufre, nos permiten reconocer que somos hijos y hermanos como Dios espera de nosotros.

Valorando la *Traditio Scalabriniana* como fuente preciosa para profundizar nuestra espiritualidad scalabriniana, junto con el Magisterio de la Iglesia sobre la vida consagrada, podemos responder al Papa Francisco que nos llama a una peregrinación, a un camino de sabiduría, para respirar "el aire puro del hombre, Espíritu Santo, que nos libera de centrarnos sobre nosotros mismos, invitándonos a continuar como "Iglesia en salida".¹

¹ Cfr. Congregación para los Institutos de Vida Consagrada y las Sociedades de Vida Apostólica, *Ocultad*, 1 (que cita la *Evangelii Gaudium*).

The Scalabrinian Spirit in 1914 and 2018

Fr. Pietro Paolo Polo, cs

Introduction

Fr. Mario Francesconi, in Volume IV of his *History of the Scalabrinian Congregation*, reprints an article on *Scalabrinian formation and spirituality* published in 1914 in the periodical *L'emigrato italiano in America*. Fr. Mario attributes the article to Fr. Domenico Vicentini or “most probably” to Fr. Massimo Rinaldi.

The article is quite lengthy and its purpose was to encourage the young vocations in the seminary to cultivate the proper attitude to be true and proficient Scalabrinian missionaries in the two main fields of mission at that time, in North America and in South America.

The article is quite detailed and it shows great familiarity with the mission field both in the North and in the South, which presented diverse types of challenges for the young missionaries to prepare for. The challenges of the migrants living in big cities and concentrated neighborhoods in North America were quite different from those of migrants living in smaller communities distant from one another over much vaster territories, where often the missionary was alone for long periods of time and travelling was extended, slow and challenging.

We're fortunate that at the end of the lengthy article the author offers a “resume”. I present this resume by topics as material for discussion and to underscore the continuity of the presence of certain qualities and characters that are just as essential today for a true and genuine Scalabrinian missionary spirituality and apostolic zeal.

I add that, at the time (1914), the “Congregation” had ceased already to be such and had become a “Society”, where instead of the perpetual vows (which our Founder wanted so very much for each one of his missionaries), a long-term oath was introduced for all. This was done by Fr. Domenico Vicentini, Scalabrini's successor as Superior General, under the pretext of “equality” among the members. The Holy See had agreed and approved the change. But not everyone in the Congregation, or Society, was in agreement with this decision. In the end, however, the First General Chapter in 1910, accepted it for the whole Congregation, given the Holy See's approval. Many Missionaries chose to keep themselves loyal to the vows in spite of the change. They remained loyal to the Founder's original charismatic vision and continued to consider themselves religious missionaries bound by perpetual vows.

It is important to notice that the points the author makes about Scalabrinian formation and spirit draw all their validity and strength not so much from their practicality in the mission field, but from the religious imprint which the Founder inspired in his Congregation and in each one of his missionaries from the beginning. From the first Rule, which he drafted personally, the Founder wanted his missionaries, *prayerful, poor, obedient, disciplined, community-oriented and fully respectful of the local bishop and his authority.*

A resume by topics

Here then are the qualities that, according to the above-mentioned author or authors, a Scalabrinian missionary must acquire throughout the formation years and then put in action in the mission:

1. *Spirit of sacrifice by which he willingly leaves his country, his dear ones, and renounces honors and worldly joys and pleasures;*

Most of the first missionaries, whom Scalabrini tested, prepared and accepted in his Congregation, took this very seriously and truly committed themselves to live in harsh and difficult conditions, often rejected by the local society and even misunderstood by the very migrants they were sent to help. The local churches had plans of their own for them, which were not in line with those Bishop Scalabrini wanted for his missionaries and their missions. The Founder, being a Bishop himself, had wanted his missionaries free to act and to operate with churches and institutions of their own, albeit under the unquestionable authority of the local bishop. What sustained many of the missionaries is the spirit of sacrifice, which the Founder tried hard to instill in them, coupled with the love for the migrants and the strong desire to offer their lives for them.

This spirit of sacrifice and generous and apostolic self-giving needs, in my opinion, to be instilled today in our formation programs and in our candidates to the priestly and missionary life.

Here is one case in point: there has been for quite a while a double standard with regards to one's relationship with one's country and family: given modern ease with the means of transportation, those living nearby and endowed with financial means, tend to take easily time off from the mission and their work to visit their home country and family and even engage in personal tourist escapades. This is even more disturbing, when one considers that if we are missionaries, truly serving the poorest migrants, we ought to be aware that such migrants cannot afford the luxury of taking the time, or spend the money, for such long breaks. More often than not, they have neither time nor money. Their uncertain legal status (often undocumented) curtails considerably their freedom of movement, fearing to expose themselves to arrest and deportation.

This counter witness, in my opinion, has an impact on the candidates to religious life and priesthood in our Congregation's seminaries. Their understanding of the apostolate for migrants is tainted by the attractions of middle-class amenities in wealthier countries.

The migrants have serious personal and family obligations, from which the missionaries are mostly exempted. The missionary's only and main obligation must be full solidarity with the poorest migrants and with their families knowing that what Jesus said to his apostles about the poor is valid also for poor migrants: *"the poor you always have with you!"*

2. *Love for the mission field, the American regions, of which he must study the language, learn the culture and the customs in advance;*

The natural curiosity in each one of us, the desire to see the world and to go beyond the horizons of our origins, often feed the desire to be a missionary in faraway locations. It is natural for young minds to dream beyond their horizons! But once the missionary reaches such faraway locations, he comes to grips with a reality he is not adequately prepared to face: culture and language are the immediate obstacles and challenges.

I found out recently that many migrant centers are engaging the services of a psychologist or a psychiatrist because they are coming to grips with severe cases of depression in the migrants they seek to serve. Such depression is caused, understandably, by the inability to cope with the new culture and the lifestyle in which they find themselves. Migrants coming from “slow-moving societies” are really shocked by the fast pace of the more developed societies into which they migrated. This causes a feeling of inadequacy, of not being able to make it in matching the mentality and the lifestyle of their coworkers or even, if they are parents, of their own children, who integrate fast into the new social environment. Even the church at times seems to be far and absent.

The problems and the challenges our missionaries faced over a century ago, are being revisited today in a different understanding of church and church community. Both in Brazil and the United States the migrants were under severe pressure to pick up the language before being “worthy” of being accepted as Catholic. Discrimination was rampant and rejection ran deep even among the clergy (including some bishops!). The same thing happens to our young missionaries. Some of them, in the course of their formation changes and stages, before coming to the country and to the mission where they are assigned, they’ve had to learn at least another language just to enter the seminary and then maybe one more for their theology. Often, they are assigned to a region where they have to make yet other cultural and linguistic adaptations, which seem at first insurmountable.

Like any migrant, even the young missionary for migrants, finds himself with not enough fuel to be able to cope. How many languages can a young man learn (and learn well!) in the span of a few years? Discouragement creeps up. Loneliness pervades his soul. I have seen young confreres shedding tears, feeling lost, not knowing where to find something solid to hold on to. When a new confrere comes to a community or mission, the other confreres, although migrants themselves, are often unable to reach out to him and bridge the gap. Compassion, friendship and basic charity seem to be often in short supply.

3. A strong theological and apologetical preparation directed specifically to refuting Protestantism and other enemies of the Catholic faith;

One of the compelling reasons Scalabrini often used in his correspondence and in his speeches for the urgent need of coming to the aid of Italian emigrants, was his concern for keeping their Catholic faith strong and intact in the midst of many “snares and dangers” in the lands where they were migrating. Foremost in his mind, these “snares” and “dangers” were represented by the Protestant Sects and by the Freemasons; both of these, in his mind, were sworn enemies of the Catholic Church, and laid “snares” to the defenseless Italian migrants, most of whom had little or no religious formation and were often desperate and alone.

The religious environment the migrants were exposed to was very far from welcoming and pleasant. Except in a few praiseworthy cases, they were practically ignored by the local hierarchy and looked upon with suspicion and little or no understanding: “*How could these Italians, coming from the land of the Pope, be so ignorant and so uncultured in their religious practice?*”.

Often, in their correspondence with the Founder, our first missionaries in North America related how both the Protestants and the Freemasons used material gifts and assistance to attract the Italians away from their catholic heritage and faith. This is also one of the reasons why Scalabrini (in spite of some initial hesitation) responded positively to the missionaries’ appeal to have religious sisters for both catechetical instructions and to set up and run catholic schools, which he later would encourage in each one of the parishes or missions.

His missionaries, therefore, had to be equipped with a solid spiritual life and with just as much solid theological foundation and apologetical skills to be able to refute the skilled proponents of error, while effectively evangelizing the masses.

In South America the main danger migrants were facing was abandonment and lack of spiritual assistance and moral guidance along with basic education and catechetical instruction. The urgent and desperate notes written by migrants to Scalabrini came from South America: “*send us a priest... because here we live and die like animals!*”.

The Church and the migrants today are under a strong and evident pressure from a restless world that is afraid to settle on anything permanent and accept even the most obvious truths. Theological and apologetical skills are needed today at a new level of sophistication and must be accompanied by a convincing and rock-solid spirituality.

4. Adopting a prudent tolerance and respect for the different cultural customs and traditions of the migrants and their language, since many of them come from different locations and carry different traditions;

The migrants bring with themselves their traditions, their language and the symbols they hold sacred, to defend and protect their identity and to continue to nourish their basic and simple faith.

Southern Italians had much different religious lore and customs from northern Italians. Most of the missionaries were from northern Italy, while most of the migrants were then from southern Italy. This caused conflicts both with the local churches as well as with the missionaries themselves, who couldn't come to grips with aspects of the celebrations, feasts and processions, which, in their judgment, were either scandalous or contrary to genuine Christian tradition and devotion. But the migrants prevailed over the missionaries and the missionaries had to learn to respect the traditions of the migrants and learn to see through them the age-old faith, which sustain them over difficult centuries of persecution and conflicts in their own home country. Local bishops too were often harsh on such outlandish traditions.

The credibility of the Scalabrinians was earned exactly by their ability to make sense of the migrants and their traditions and to work with them in a positive and creative way in integrating them into the church of the host country and their own traditions and history. Such conflicts normally only lasted for the first two or three generations and then such traditions would either be forgotten or “domesticated” and integrated into a more understanding and accepting local church.

A true missionary must always be a bridge between the age-old traditions of migrants and the age-old tradition of the local church. A true missionary must always go beyond nationality and nationalism and be engaged fully in the knowledge of migrant humanity in the genuine spirit of the gospel.

5. Great charity and love for the confreres;

Scalabrini never ceases to insist on the mutual love and respect that must exist among the members of the same community and also with local clergy and especially the local bishops. His correspondence shows how he suffered when he received communications revealing disagreements and conflicts among the missionaries. He knew that such conflicts would not only demoralize the missionaries but also jeopardize their credibility with the local church.

Thankfully, Scalabrini at the beginning was able to rely on a few very spiritually mature and

learned missionaries, who were able to ride even through a complex and at times rough society and establish a credible network of missions throughout the United States and Brazil.

Although very understanding and patient, Scalabrini could be harsh and demanding when it came to clerical discipline and a healthy and loving community life. Often in his correspondence he instructs his local representatives to let some of the troubled subjects return to Italy or go on their own, dismissing them out right from the Congregation without hesitation.

6. Generous and loving obedience to the Superiors; vows: poverty and obedience.

It wasn't easy for Scalabrini to be both diocesan bishop and superior general of a religious congregation. But every piece of correspondence we have reveals Scalabrini's amazing human and spiritual capacity to be a fully engaged Bishop in his diocese, a superior general in constant dialogue with his missionaries across the ocean and a valid and trusted counselor and guide in the birth of new women's religious congregations. In addition to insisting on obedience to himself and to the lawfully appointed superiors, Scalabrini insisted always on full conformity to the discipline and the norms of the diocese where the missions were located and dependence from the local ordinaries in all that concerned their canonical and pastoral authority.

Scalabrini respected his fellow bishops and for this reason he wisely and astutely acted under the supervision and the guidance of the Holy See in establishing his Congregation and in sending out his missionaries to the various dioceses. His credibility in this sense was never in doubt. His name and his initiative invariably enjoyed the respect and the cooperation of the local bishops. With many bishops he engaged in personal correspondence and entertained personal friendships. Often when they traveled to Rome for the "*ad limina*" visits, they would go out of their way to visit Scalabrini in Piacenza.

As for the vows, Scalabrini insisted mainly on "poverty" and "obedience". He seldom mentioned explicitly celibacy or chastity. This could be because he was dealing with already ordained priests, who came to him with the blessings of their own Bishop and therefore he was taking their celibate commitment for granted. It was obedience and poverty that concerned him the most.

A number of missionaries had already gone from Italy to the Americas on their own. Others were invited by bishops or members of their family. Among those who had ventured on their own, are some well-known cases of misconduct and mismanagement. The first Scalabrinian missionaries both in the United States and in Brazil encountered opposition and initial rejection due to scandals (monetary or otherwise) caused by previous Italian priests in both countries. Some local bishops had vowed never to accept or incardinate Italian clergy in their diocese. Cases of insubordination and eagerness to manipulate migrants to accumulate personal wealth were not, unfortunately, rare! They always left behind a long legacy of bad taste and mistrust!

A century later, as we look upon our own experience as a Congregation today, we sadly realize that although times have changed, human nature has not changed and cases similar to those encountered by our first Scalabrinian brothers are still with us. Such cases have vaster resonance today due to social media: they scandalize the faithful, demoralize the confreres and underestimate the credibility of the Church herself. Today the Church and its clergy are under a cloud of suspicion and prejudice caused by negative moral profiling. A healthy and careful process of formation can no longer be taken for granted. The time has come for us to consider prolonging the process of formation to test character and to favor intellectual and emotional maturity.

The author of the above-mentioned article concludes: *“We will do all this with an open and magnanimous heart and we will reach a happy success, if we truly love our poor migrants and are willing to correspond to the sublime vocation with which the Lord has gifted us. May we never lack love and faith and the work of redemption and salvation will always be dear to God and to men.”*

Scalabrinian spirituality [...] draws new insights from an ever-deeper study and knowledge of Bishop John Baptist Scalabrini, our Founder and Inspirer, from the charism handed down to us, from a wisdom reading of human migration and from our mutual witness.

(Basic text of the Scalabrinian *Traditio*, 2)

Lo spirito scalabriniano nel 1914 e nel 2018

P. Pietro Paolo Polo, cs

Introduzione

Padre Mario Francesconi, nel IV volume della sua *Storia della Congregazione Scalabriniana* riproduce un articolo sulla *formazione e spiritualità scalabriniane* pubblicato nel 1914 sul periodico *L'emigrato italiano in America*. Padre Mario attribuisce l'articolo a Padre Domenico Vicentini come possibile autore, ma "più probabilmente" a Padre Massimo Rinaldi.

L'articolo, alquanto lungo, si propone di incoraggiare i giovani seminaristi a coltivare le virtù necessarie per essere veri ed efficaci missionari scalabriniani nei due principali campi di missione di quel tempo: il Nord e il Sud America.

L'articolo è piuttosto dettagliato e dimostra grande familiarità con entrambi i campi di missione, che presentavano sfide diverse per la preparazione dei giovani missionari. Le difficoltà dei migranti che vivevano nelle grandi città e nei concentramenti urbani del Nord America erano alquanto diverse da quelle dei migranti residenti in comunità più piccole, lontane l'una dall'altra e sparse su un territorio molto vasto, dove il missionario era spesso solo e doveva affrontare viaggi lunghi e pericolosi.

Fortunatamente, al termine dell'articolo, l'autore propone un riassunto, che desidero qui presentare per temi così da offrire spunti per la discussione e sottolineare la continuità della presenza di alcune qualità e caratteristiche che sono altrettanto essenziali oggi per una autentica spiritualità missionaria scalabriniana e per un vero slancio apostolico.

Aggiungo che a quel tempo, nel 1914, la Congregazione aveva cessato di esistere come tale ed era diventata invece una "Società", nella quale al posto dei voti perpetui (che il Fondatore aveva fortemente voluto per ciascuno dei suoi missionari) era stato introdotto per tutti un giuramento perpetuo di perseveranza. Questo cambiamento fu opera di P. Domenico Vicentini, successore di Scalabrini come superiore generale, con il pretesto di una "uguaglianza" fra i membri. La Santa Sede si era manifestata d'accordo ed aveva approvato il cambiamento. Non tutti, però, nella Congregazione o Società erano d'accordo con questa decisione. Alla fine, tuttavia, il capitolo del 1910 la accettò per tutti i membri, vista l'approvazione della Santa Sede. Alcuni missionari, però, decisero di mantenersi fedeli ai voti nonostante il cambiamento. Così, essi rimasero fedeli alla visione carismatica originale del Fondatore e continuarono a considerarsi religiosi missionari con i voti perpetui.

È da notare che i punti che l'autore sottolinea a riguardo della formazione nello spirito scalabriniano derivano la loro validità e forza non tanto dalla praticità nel campo della missione, ma dall'impronta di carattere "religioso" che il Fondatore aveva ispirato nella sua Congregazione e in ciascuno dei suoi missionari fin dall'inizio. Nella prima Regola da lui stesa personalmente, il Fondatore esigeva che i suoi missionari fossero *uomini di preghiera, poveri, obbedienti, disciplinati*, che vivessero *in comunità* e fossero *rispettosi del vescovo locale e della sua autorità*.

Una sintesi per temi

Ecco quindi le qualità che, secondo l'autore o gli autori di cui sopra, un missionario scalabriniano dovrebbe acquisire negli anni della formazione per poi metterle in pratica nella missione:

1. Lo spirito di sacrificio per cui il missionario liberamente lascia la sua patria, i suoi cari e rinuncia agli onori e alle gioie e ai piaceri del mondo;

Gran parte dei primi missionari che Scalabrini esaminò, preparò ed ammise nella sua Congregazione, presero sul serio questo aspetto e si resero veramente disponibili a vivere in condizioni difficili e dure, spesso anche rifiutati dalla società locale e non compresi dalle stesse comunità migranti presso le quali erano stati inviati. Le chiese locali avevano i propri schemi a riguardo del loro lavoro e della loro presenza, diversi da quelli che lo Scalabrini voleva per i suoi missionari e le loro missioni. Il Fondatore, lui stesso vescovo, voleva che i suoi missionari fossero liberi di agire ed operare con chiese ed istituzioni proprie, sia pure sotto l'indiscussa autorità del vescovo locale. Ciò che sostenne molti missionari fu appunto lo spirito di sacrificio che il Fondatore aveva ispirato in loro unitamente all'amore per i migranti e al fermo proposito di dare la vita per loro.

A mio parere, questo spirito di sacrificio e di dedizione apostolica generosa deve essere infuso oggi nei programmi di formazione dei nostri candidati alla vita sacerdotale e missionaria.

Un esempio fra tanti: da tempo ormai si constatano due misure diverse per i rapporti con il proprio paese e la propria famiglia. Con la facilità dei mezzi moderni di trasporto, i confratelli che vivono nelle vicinanze e godono di disponibilità finanziaria si assentano con frequenza dalla missione e dal loro lavoro per visitare il loro paese e la famiglia e anche approfittare per qualche escursione turistica. Ciò stride ancora di più, se si considera che, come missionari chiamati a servire i migranti più poveri, dovremmo essere coscienti che questi non possono permettersi il lusso di spendere tempo e soldi per assenze prolungate. Spesso non hanno né tempo né soldi. Il loro *status* legale incerto (spesso privi di documenti!) limita considerevolmente la loro libertà di movimento, data la paura di esporsi al rischio di essere arrestati e deportati.

Questa contro-testimonianza, a mio parere, ha un impatto anche sui candidati alla vita religiosa e al sacerdozio nei seminari della nostra Congregazione. La loro comprensione dell'apostolato fra i migranti è compromessa dall'attrazione esercitata dalle comodità del benessere diffuso nei paesi più ricchi.

I migranti hanno obblighi personali e di famiglia molto seri, dai quali i missionari sono in gran parte esenti. Il principale obbligo del missionario deve essere la piena solidarietà con i migranti più poveri e con le loro famiglie, ricordando che quanto Gesù disse agli apostoli a riguardo dei poveri è valido anche per i migranti: *"I poveri li avete sempre con voi!"*.

2. L'amore per il campo di missione, i paesi americani, dei quali egli deve in anticipo studiare la lingua, imparare la cultura e familiarizzare con i costumi;

La curiosità naturale che è in ciascuno di noi, la voglia di vedere il mondo e andare oltre gli orizzonti delle nostre origini, spesso sostengono il desiderio di essere missionario in zone e luoghi lontani. È naturale per le giovani menti sognare oltre i propri orizzonti! Tuttavia quando il missionario arriva in queste località lontane, scopre subito una realtà che non si sente adeguatamente preparato ad affrontare. Cultura e lingua sono gli ostacoli e le sfide più immediate.

Recentemente ho sentito che alcuni dei nostri centri per migranti stanno assumendo uno psicologo o uno psichiatra per far fronte a casi seri di depressione tra i migranti che cercano di servire. La depressione è causata in buona parte dall'incapacità a far fronte a una nuova cultura e a un nuovo stile di vita. I migranti che provengono da "società lente" sono scossi dalla velocità dello stile di vita delle società più sviluppate dove si trovano ora a vivere. Questo causa sentimenti di inadeguatezza, la convinzione di non essere capaci di adottare la mentalità e il passo veloce dei loro compagni di lavoro o persino, se genitori, dei loro figli, i quali si integrano più velocemente nel nuovo ambiente sociale. La Chiesa stessa, a volte, sembra lontana e assente.

I problemi e le sfide che i nostri missionari hanno affrontato un secolo fa si ripresentano oggi in un'immagine diversa della chiesa e della comunità ecclesiale. Allora, tanto in Brasile che negli Stati Uniti, era molto forte la pressione di imparare la lingua prima di essere giudicati "degni" di essere considerati cattolici. La discriminazione era evidente e il rifiuto era profondo anche fra il clero (e qualche vescovo!). Lo stesso accade anche con i nostri giovani missionari. Alcuni di loro, nel corso delle diverse tappe di formazione, prima di raggiungere il paese e la missione di destinazione, hanno dovuto imparare almeno un'altra lingua già per entrare in seminario e più tardi ancora una per la teologia. A volte poi vengono assegnati ad una regione dove devono sottomettersi ad ulteriori adeguamenti culturali e linguistici che possono apparire insormontabili.

Alla pari di ogni migrante, anche il giovane missionario si trova a volte con il "serbatoio vuoto" nell'affrontare il percorso. Quante lingue un giovane può veramente imparare (e imparare bene!) nel giro di pochi anni? Lo scoraggiamento e la solitudine a volte invadono il cuore. Sono stato testimone del pianto di giovani confratelli, che si sono sentiti persi, incapaci di trovare qualcosa di solido cui potersi aggrappare. All'arrivo di un nuovo confratello in una comunità o missione, a volte gli altri confratelli, sebbene anch'essi migranti, non sono in grado di gettare un ponte per creare vicinanza. La compassione, l'amicizia e la carità più basilare sembrano spesso scarseggiare.

3. Una solida preparazione teologica e apologetica diretta in modo particolare a confutare il protestantesimo e altri nemici della fede cattolica;

Una degli argomenti efficaci, di cui Scalabrini faceva uso nella sua corrispondenza e nei suoi discorsi per motivare il bisogno urgente di venire in aiuto agli emigrati italiani, era la sua preoccupazione di mantenere forte e intatta la loro fede cattolica di fronte a tanti "tranelli e pericoli" che potevano incontrare nelle terre in cui emigravano. Fra questi "tranelli" e "pericoli" egli includeva soprattutto le sette protestanti e i massoni, che considerava nemici giurati della Chiesa cattolica. Ambedue tendevano "tranelli" agli emigrati italiani, i quali erano impreparati e indifesi a causa della loro scarsa o inesistente formazione religiosa e spesso erano disperati e soli.

L'ambiente religioso al quale i migranti venivano esposti era lontano dall'essere accogliente e piacevole. Eccetto in alcuni lodevoli casi, essi erano praticamente ignorati dalla gerarchia locale e guardati con sospetto e poca comprensione: *"Come è possibile che questi italiani, provenienti dalla terra del Papa, siano così ignoranti e così senza cultura nella loro pratica religiosa?"*.

I nostri primi missionari in Nord America, nella loro corrispondenza con il Fondatore, spesso riferivano come tanto i protestanti che i massoni usassero beni materiali ed assistenza per distogliere gli italiani dalla loro fede e tradizione cattolica. Questo fu anche uno dei motivi per cui Scalabrini (dopo qualche esitazione) rispose positivamente all'appello dei missionari perché venissero delle suore, sia per l'istruzione catechistica, come per l'erezione e la conduzione di scuole cattoliche, di cui più tardi auspicò la presenza in ciascuna delle parrocchie e missioni.

I suoi missionari, quindi, dovevano essere equipaggiati con una vita spirituale solida e con altrettanto solida preparazione teologica e abilità apologetica per poter confutare chi diffondeva gli errori e allo stesso tempo evangelizzare le masse.

In Sud America il pericolo maggiore a cui erano esposti i migranti era la mancanza di assistenza spirituale e di guida morale, così necessarie insieme a qualche rudimento di educazione basilare e di istruzione catechetica. Gli appelli più urgenti che Scalabrini ricevette dagli emigrati vennero dal Sud America: *“ci mandi un prete... perché qui si vive e si muore come bestie!”*.

Oggi la chiesa e migranti sono sottoposti ad una forte ed evidente pressione da parte di un mondo senza pace, reticente dall'accettare qualcosa di sicuro, sia pure le verità più ovvie. Abilità teologiche ed apologetiche sono richieste oggi a livelli più sofisticati e devono essere accompagnate da una spiritualità solida e convincente.

4. Adottare una prudente tolleranza e rispetto nei confronti dei vari costumi culturali e delle tradizioni dei migranti e della loro lingua, molti di loro infatti provengono da località diverse e portano con sé tradizioni differenti;

I migranti portano con sé le loro tradizioni, il loro linguaggio e i loro simboli sacri per difendere e proteggere la loro identità e per continuare a nutrire la loro fede semplice.

Quelli provenienti dal Sud Italia avevano tradizioni religiose e costumi assai diversi da quelli del Nord. La stragrande maggioranza dei missionari provenivano dal Nord Italia, mentre quasi tutti i migranti venivano dal Sud. Questo fu causa di conflitti tanto con le chiese locali come anche con gli stessi missionari, che non potevano capire alcuni aspetti delle celebrazioni, delle feste e delle processioni che, a loro modo di vedere, erano o scandalosi o contrari alla genuina tradizione e devozione cristiana. I migranti tuttavia prevalsero sui missionari e i missionari dovettero imparare a rispettare le tradizioni dei migranti e intravedere in esse la fede secolare che li aveva sostenuti durante i secoli difficili di persecuzioni e conflitti nel loro paese natio. Anche i vescovi locali furono a volte assai duri contro alcune manifestazioni culturali e tradizioni religiose esagerate ed esotiche.

La credibilità degli Scalabriniani si manifestò proprio nella loro abilità a capire i migranti e dare un significato alle loro tradizioni, lavorando con loro in modo positivo e creativo per favorire la loro integrazione nella chiesa del paese di accoglienza, nelle sue tradizioni e nella sua storia. Simili conflitti riguardarono per lo più le prime due o tre generazioni, dopo le quali molte tradizioni vennero o dimenticate o “addomesticate” ed integrate in una chiesa locale man mano più tollerante e aperta.

Un vero missionario deve sempre essere un ponte tra le tradizioni antiche dei migranti e le tradizioni altrettanto storiche della chiesa locale. Un vero missionario deve sempre andare oltre la nazionalità e il nazionalismo ed impegnarsi pienamente nella conoscenza dell'umanità migrante secondo lo spirito genuino del Vangelo.

5. Grande carità e amore verso i confratelli;

Lo Scalabrini non cessa mai di insistere sull'amore vicendevole e sul rispetto reciproco che deve esistere fra i membri della stessa comunità e anche con il clero locale e i vescovi locali. La sua corrispondenza rivela quanto abbia sofferto nel ricevere comunicazioni che lo informavano di discordie e conflitti fra i missionari. Sapeva bene che questi conflitti avrebbero non solo

demoralizzato i missionari, ma anche messo in pericolo la loro credibilità con la Chiesa locale.

Grazie a Dio, all'inizio lo Scalabrini poté fare affidamento su alcuni missionari ben formati e di provata maturità spirituale, i quali furono in grado di continuare con costanza anche in una società complessa e a volte rozza e di stabilire una rete credibile di missioni lungo gli Stati Uniti e il Brasile.

Sia pure di carattere comprensivo e paziente, lo Scalabrini poteva anche essere duro ed esigente quando si trattava di disciplina sacerdotale e di una vita comunitaria accogliente e sana. Nella sua corrispondenza troviamo che spesso egli dava istruzioni ai suoi rappresentanti locali di lasciare che alcuni soggetti difficili ritornassero in Italia o che se ne andassero per conto loro, dimettendoli dalla Congregazione senza esitazione.

6. Obbedienza generosa e amorevole ai superiori; i voti: povertà e obbedienza.

Non fu facile per lo Scalabrini essere vescovo diocesano e allo stesso tempo superiore generale di una congregazione religiosa. La corrispondenza in nostro possesso, però, rivela la grande capacità umana e spirituale di Scalabrini nell'essere un vescovo totalmente impegnato nella sua diocesi, un superiore generale in dialogo costante con i suoi missionari oltre oceano e un consigliere e guida valida e degna di fiducia nella nascita di nuove congregazioni religiose femminili. Oltre ad insistere sull'obbedienza verso di lui e i legittimi superiori, lo Scalabrini insisteva sempre sulla piena conformità alla disciplina e alle norme della diocesi dove i missionari erano residenti e sulla dipendenza dagli ordinari locali in tutto quello che concerne la loro autorità canonica e pastorale.

Lo Scalabrini coltivava un grande rispetto per i suoi fratelli nell'episcopato e fu questo il motivo per cui con sapienza e astuzia agì sempre sotto la supervisione e la guida della Santa Sede nel fondare la sua Congregazione e nell'inviare i missionari nelle varie diocesi. La sua credibilità in questo senso non fu mai messa in dubbio. Il suo nome e le sue iniziative invariabilmente godevano del rispetto e della collaborazione dei vescovi locali. Con molti vescovi egli portò avanti uno scambio di corrispondenza personale e coltivò calde amicizie. Assai spesso, quando questi si recavano a Roma per la visita "ad limina", prolungavano il viaggio per fargli visita a Piacenza.

Con riguardo ai voti, lo Scalabrini insistette in modo particolare sulla "povertà" e sull'"obbedienza". Raramente egli menziona esplicitamente il celibato e la castità. Ciò potrebbe essere dovuto al fatto che inizialmente egli era a contatto con sacerdoti già ordinati che venivano a lui con l'approvazione del loro vescovo e quindi poteva considerare come acquisito il loro impegno nel celibato. Furono l'obbedienza e la povertà che lo preoccuparono di più.

Un certo numero di missionari aveva già viaggiato per conto proprio nelle Americhe, alcuni invitati dai vescovi o da membri della loro famiglia. Fra quanti si erano recati per conto loro, vi furono noti casi di scandalo per mancanza di disciplina sacerdotale e per cattiva amministrazione. I primi missionari scalabriniani, tanto negli Stati Uniti che in Brasile, incontrarono opposizione e un iniziale rifiuto proprio a causa degli scandali (di tipo economico e altro) causati da sacerdoti italiani nei due paesi. Alcuni vescovi avevano già deciso di non accettare o incardinare mai più clero italiano nella loro diocesi. Purtroppo casi di insubordinazione e tentativi di manipolazione dei migranti per accumulare denaro a proprio beneficio furono abbastanza frequenti. E questo lasciava sempre un retaggio di reputazione negativa e sfiducia!

A distanza di un secolo, guardando alla nostra esperienza come Congregazione oggi, dobbiamo umilmente riconoscere che, se i tempi sono cambiati, la natura umana non è cambiata e casi simili a

quelli incontrati dai nostri primi confratelli scalabriniani accadono ancora oggi fra di noi. Tali casi hanno una risonanza più vasta oggi a causa dei mezzi di comunicazione sociale. Essi scandalizzano i fedeli, demoralizzano i confratelli e danneggiano la credibilità della Chiesa stessa. Oggi sulla chiesa e sui suoi sacerdoti pesa l'ombra del sospetto e del pregiudizio dovuta ad un profilo morale negativo. Un processo formativo sano e accurato non può più essere considerato scontato. È giunto il tempo di pensare ad un prolungamento dell'iter formativo per mettere alla prova il carattere dei candidati e per promuovere in loro una maturità intellettuale ed affettiva.

L'autore dell'articolo sopra menzionato conclude così: *Noi saremo in grado di fare tutto questo con un cuore aperto e magnanimo e godremo di un felice successo, se veramente ameremo i migranti più poveri e ci impegneremo nel rispondere alla sublime vocazione di cui il Signore ci ha fatto dono. Non ci manchi mai l'amore e la fede e il lavoro di redenzione e di salvezza sarà sempre caro a Dio e agli uomini.*

*La spiritualità scalabriniana [...] continuamente tra nuove ispirazioni
dalla sempre più approfondita conoscenza del fondatore e ispiratore,
il vescovo Giovanni Battista Scalabrini, dal carisma ricevuto,
dalla lettura sapienziale della realtà migratoria e dalla reciproca testimonianza.
(Testo base della Traditio Scalabriniana, 2)*

[Tradotto dall'inglese dall'autore]

Un Dio che scende e “si fa scala a rovescio”

Maria Grazia Luise, mss

Il senso della vita

“Che cosa vale di più?” – è stato chiesto ad un filosofo – “Forse la vita?”. “No – egli ha risposto – “ma il senso della vita, necessario per poterla vivere”. Senza un senso, infatti, la vita si può distruggere, manipolare, violentare. Per questo, quasi istintivamente, ciascuno vuole dare uno scopo al proprio vivere, cercando talora non solo nelle cose materiali, sempre inferiori alla nostra sete e dignità umana, ma anche indagando tra teorie filosofiche o scientifiche per trovare una luce. Tuttavia le verità astratte, come dice spesso Papa Francesco, non bastano ad illuminare profondamente la vita. Anzi, rischiano di diventare degli assoluti o delle ideologie, che alla fine ci dividono gli uni dagli altri. Per questo vale sempre la pena cercare il dialogo concreto con l’altro come strada per uscire dalla proprie frontiere ed aprirsi all’oltre. Accogliendo umilmente il confronto con tante diversità, senza fare noi da protagonisti solitari del vero, ci accorgiamo di quanto sia sempre più urgente lasciarci raggiungere da quel raggio di sole che, mentre ci supera tutti, ci penetra e ci dà vita.

Un tempo di crisi

Il senso della vita che abbraccia tutti, infatti, non può venire solo dal basso, da noi o dalla nostra piccola parte, fatta magari con la pretesa di comprendere il tutto. Piuttosto, se la verità totale c’è, deve poterci raggiungere dall’alto: come *sole di giustizia* che *sorge per i buoni e per i cattivi* e può illuminare ciascuno di noi, gratuitamente, anche in questo tempo.

Da una parte la tensione dei *disperati del benessere*, dall’altra il grido – a volte silenzioso – degli svantaggiati e degli indifesi: basterebbe questo per definire il nostro un *tempo di crisi*.

Eppure non esiste epoca che non possa trovare la sua salvezza e le sue opportunità. Infatti, la stessa crisi, che evidenzia la nostra impotenza, può diventare un’occasione favorevole per aprirci all’oltre. Anche in questo caso, quindi, è l’esodo che apre la strada e prepara il cuore dell’uomo ad un incontro più autentico con ogni altro e anzitutto con Dio. Egli, proprio attraverso il sorprendente mistero dell’incarnazione di Suo Figlio Gesù, ha voluto salvarci scendendo nella nostra stessa inconsistenza e povertà. E questo per amore.

La novità di un Dio che scende

Rispetto ad ogni tendenza a *salire*, che è propria dell’anelito umano e che ogni religione favorisce, il Dio di Gesù Cristo resta la novità assoluta e sconvolgente: un Dio che *scende*, mosso dal suo essere egli stesso l’Amore. Un amore folle, che non attende i nostri meriti per incontrarci, ma che per primo prende l’iniziativa del perdono e della riconciliazione, come farebbe un padre premuroso verso i suoi figli, disorientati, in pericolo. In Gesù, Dio si fa carne per raggiungere la nostra umanità e condividere con noi l’esodo dalla nostra lontananza da Dio e tra di noi – conseguenza del peccato – e portarci dentro la sua stessa relazione filiale con il Padre.

Al centro della vita di G.B. Scalabrini – lo sappiamo – c’è la contemplazione di questo mistero: “Il Figlio scende [...] si fa scala a rovescio, piglia la materia, la anima, la fa propria e risalendo la

grande scala degli esseri li riconduce tutti e li presenta in se stesso a Dio Padre” (appunti di G.B. Scalabrini in occasione del Natale).

Oltre l’abitudine, che può appiattire anche la vita cristiana rischiando di banalizzare persino le certezze più grandi, lo scandalo e lo stupore che queste stesse certezze suscitano negli amici che si dichiarano atei o che appartengono ad altre religioni ci risvegliano alla sorprendente novità della nostra fede.

Tre modi di guardare

Almeno tre – così ci sembra – sono i nostri modi di guardare. Ci sono occhi che fotografano la realtà, ma che non riescono a vedere oltre ciò che appare. Ci sono poi occhi che con la ragione indagano le cause e le conseguenze degli avvenimenti, determinati spesso da chi ha il potere di decidere sugli altri: questo modo di guardare può arrivare anche a risultati molto accurati, non banali, intellettualmente appaganti, ma non riesce, il più delle volte, a sollevarci dall’angoscia dell’impotenza e dalla paura del futuro. Ci sono infine gli occhi della fede, che alla luce della Parola di Dio cercano di guardare il mondo, la storia, noi stessi e gli altri con gli occhi di Dio.

Importante, infatti, non è tanto guardarci gli uni gli altri, orizzontalmente, come se da noi venisse la salvezza, ma domandarci come ci vede Dio. Sappiamo che Gesù, il Figlio di Dio fatto uomo, nei suoi occhi pieni di amore e misericordia ci ha mostrato gli occhi stessi di un Dio che è per noi e ci ama. Anzi, proprio nel suo volto umano possiamo contemplare il volto stesso di Dio, che è Amore: il volto di un Padre che attende ogni figlio, ciascuno di noi, finché liberamente ritorni a casa, nella Sua stessa vita di comunione; un Padre che non cessa di guardarci con lo stesso sguardo d’amore con cui guarda Suo Figlio. Questo non smetteva di stupire G.B. Scalabrini:

“Iddio ama il suo Figliuolo e lo ama essenzialmente ed è impossibile che si compiaccia in altri che in Lui, perché l’amore di Dio è infinito e non può avere altro oggetto che un oggetto infinito: *Hic est Filius meus dilectus in quo mihi bene complacui* (Matth. XVII, 5). Ma quel Figliuolo suo diletto si è fatto uomo. Dunque in lui ama l’uomo. Con una sola compiacenza e dilezione, in Gesù abbraccia tutto, anche il corpo, anche la carne, anche l’anima. Ora noi siamo quella carne, quelle ossa, noi siamo quella natura, siamo un corpo con Cristo e in Lui e per Lui siamo fatti figliuoli di Dio, anzi lo stesso Figliuolo di Dio che si estende in noi. Dunque noi pure in Lui siamo involti e compresi dal Padre in un solo atto d’amore, e come in noi e su di noi si allarga e distende la figliolanza per cui Cristo è Figliuolo di Dio, così a noi pure si allarga ed estende anche l’amore del Padre e *perciò* nel suo Figliuolo per sé grato e diletto a Lui, anche noi siamo fatti essere a Lui grati e dilette: *gratificavit nos in dilecto Filio suo*”¹.

Scoprendoci sotto questo sguardo di amore e di salvezza, tutto cambia.

Limite, povertà e impotenza

Soltanto gli occhi della fede, capaci di contemplare il mistero di un Dio che scende e si fa povero, possono regalarci la stima per la nostra e altrui povertà.

¹ Giovanni Battista Scalabrini, *Lettera Pastorale per la Santa Quaresima del 1878*, 16-17, in *Scalabrini. Una voce viva* (1987) 10-11 [ristampa: (2005) 20-21].

Un Dio che si fa povero per raggiungere l'uomo nell'abisso della sua povertà è uno scandalo insopportabile per chi, chiuso nell'obiettivo dell'utile, pensa di ottenere una vita pienamente appagata solo sulla via dell'avere, del potere, del successo. E tuttavia, lo stesso scandalo può accendere una spia rossa nella nebbia del nostro valutare immediato: e se la povertà fosse il "vaso" per ricevere la vera ricchezza, quella che ci può essere donata solo dall'alto?! Se proprio questa fosse l'occasione per scoprire il tesoro nascosto nel campo o di trovare la perla preziosa della nostra gioia?!

Può essere una grazia l'essere posti davanti alla propria realtà che – finalmente smascherata – si può aprire, proprio grazie al suo limite, verso l'orizzonte di una più ampia e profonda verità. In effetti, ci troviamo di fronte a situazioni così complesse da sentirci spesso umanamente impotenti. Ma proprio là dove la nostra impotenza – finalmente – si manifesta, ecco che la nostra esistenza, povera e nuda, si può aprire a ricevere dall'alto un dono che supera ogni attesa.

In questo senso, il limite, la povertà e l'impotenza possono essere vissuti non semplicemente come un *deficit*, ma come *possibilità* di fare spazio per ricevere qualcosa che ci supera e così rispondere alla più alta realizzazione della nostra umanità. Un'occasione unica e propizia per uscire da quel mondo autocentrato che, mentre esclude l'altro, il diverso, lo straniero, si trova di fatto a soffocare nel recinto del proprio io e dei propri uguali, senza la chance di un respiro più ampio e profondo, senza gioia.

Il deserto può fiorire

Particolarmente importante, allora, per vivere nel nostro tempo, è proprio la fede. Essa è come quella pioggia, benefica e rigeneratrice, che può trasformare il deserto in un giardino.

Per tanti il mondo di oggi appare proprio come un deserto percosso dai venti spietati della guerra e della violenza di ogni tipo, da una terribile tempesta di sabbia provocata da un estremo squilibrio tra ricchezza e povertà.

Spesso il deserto sembra immobile, anche se in realtà il vento cambia costantemente i connotati del paesaggio. Silenzio, vuoto, miraggi. La disposizione delle dune permette, sì, di individuare la direzione dei venti dominanti, i quali però, spostandole di continuo, le rendono inaffidabili come punti di riferimento.

Ma quando piove, il deserto cambia immediatamente aspetto. Le acque piovane in parte evaporano immediatamente, a causa delle temperature elevate, e in parte s'infiltrano nel terreno, andando ad alimentare le falde acquifere, di cui, per es., il Sahara è molto ricco. Quando l'acqua affiora in superficie, si formano le oasi, dove si può ammirare vegetazione di una varietà impressionante.

Ancor di più stupisce il deserto di Atacama, situato nel nord del Cile, il più arido del mondo. Questa area, stretta tra le Ande e l'Oceano Pacifico, ha un fascino incredibile per gli spettacoli unici e inaspettati che offre. Infatti, grazie alle nebbie provenienti dalla costa, la vita vi continua a resistere e molte piante sopravvivono in forma di semi e bulbi. Questi riposano tra le rocce e sotto la sabbia anche per molti anni.

Quando l'anticiclone del Pacifico, che provoca il deserto, si sposta a nord grazie alla corrente, accade il miracolo della pioggia! In poche ore il deserto si trasforma in un immenso giardino, ricoperto da un tappeto di piccoli fiori colorati. Essi cominciano ad apparire in settembre e continuano a fiorire fino alla fine di dicembre: germinano, si dischiudono, si disseminano e

muoiono in poche settimane. Il ciclo riprende poi in marzo. Spesso fioriscono in sequenza così che un paesaggio, che fino a poco prima era grigio e privo di vita, si presenta prima rosso, dopo poche settimane giallo e infine blu.

Non sono mai stata nel Sahara e nemmeno ho potuto contemplare lo spettacolo del deserto fiorito di Atacama. Eppure tutto questo mi parla.

Anche nel deserto della nostra società di oggi, globalizzata e sempre più tecnicizzata, i semi della verità, del bene e dell'amore non sono morti. Anzi, essi rivelano tutta la loro forza di bellezza e di vita non appena cade la pioggia... Una volta visto questo spettacolo – quello del fiorire di una nuova umanità – si può vivere in un'attesa operosa e piena di fiducia, certi di un sempre possibile nuovo miracolo, in ogni stagione. È il miracolo di una pioggia capace di valorizzare e portare alla luce ciò che di buono, di bello e di vero già c'è, ma che non potrebbe fiorire senza il dono dell'acqua che scende dal cielo.

Sarà ancora l'esodo

Abbiamo paragonato la fede a questa pioggia che scende generosa dall'alto per richiamare tutto alla vita. Oggi, come in ogni tempo, abbiamo bisogno di sperimentare la stima e la fiducia di un Dio che per amore ci ha creati, che per amore si è fatto povero e per amore sa attendere la nostra risposta. Allora possiamo alzare la testa e, pieni di riconoscenza e di speranza, possiamo – anche noi – collaborare per trasformare, nel piccolo come nel grande, il deserto del nostro mondo in un giardino ospitale.

Non solo a Betlemme duemila anni fa', ma ogni giorno Dio scende e ci attende nel cuore della nostra povera realtà, la più vera, nella quale però noi stessi non sempre abbiamo umilmente il coraggio di scendere. Spesso preferiamo evadere, rimanendo nella superficialità dell'apparenza che imbroglia anzitutto noi stessi, consegnando la nostra vita al consumismo e alle mode, in un continuo cambiamento, solo formale. Rischiamo di rimanere degli assetati pur trovandoci vicini alle sorgenti dell'acqua viva, o degli affamati pur conoscendo la casa del pane. Abbiamo bisogno di liberare in noi il nostro più autentico bisogno di Dio, ma come?!

Sarà sempre e ancora l'esodo, quel movimento di uscita che ci ha fatto nascere, a farci rinascere. Non solo quell'esodo profondo da noi stessi, che ci apre a ricevere un dono dall'alto, ma anche tutti quei passi che, portandoci fuori dal nostro egocentrismo verso l'umanità che più soffre, ci permettono di riconoscerci figli e fratelli.

Come nel momento decisivo della storia Dio ha atteso il sì di Maria per compiere il suo incredibile progetto di amore, così attende ancora il sì dell'adesione libera da parte nostra e di ogni uomo.

La passione per Gesù Cristo è il segreto della vita di G.B. Scalabrini. Innamorato dell'Eucaristia, egli contempla continuamente il Figlio di Dio che si fa uomo per rivelare l'amore del Padre e per riconsegnare a Lui l'umanità rinnovata.
(Testo base della *Traditio* Scalabriniana, 3)

Un Dios que desciende y “se hace escalera al revés”

Maria Grazia Luise, mss

El sentido de la vida

“¿Qué vale más?” –se le preguntó a un filósofo– “¿Tal vez la vida?” “No –respondió él– “sino el sentido de la vida, necesario para poder vivirla”. Sin un sentido, de hecho, la vida puede ser destruida, manipulada, violada. Por esta razón, casi instintivamente, todos quieren dar un propósito a su propia vida, a veces buscando no sólo en las cosas materiales, siempre inferiores a nuestra sed y dignidad humana, sino también investigando entre teorías filosóficas o científicas para encontrar una luz.

Sin embargo, las verdades abstractas, como suele decir el Papa Francisco, no son suficientes para iluminar profundamente la vida. Por el contrario, corren el riesgo de convertirse en absolutos o ideologías, que en última instancia nos dividen los unos de los otros. Es por eso que siempre vale la pena buscar un diálogo concreto con el otro como una forma para salir de las propias fronteras y abrirse al más allá. Aceptando humildemente el enfrentamiento con tantas diferencias, sin convertirnos en protagonistas solitarios de la verdad, nos damos cuenta de que es cada vez más urgente dejarnos alcanzar por ese rayo de sol que, al mismo tiempo que nos supera a todos, nos penetra y nos da vida.

Un tiempo de crisis

El sentido de la vida que abraza a todos, de hecho, no puede venir sólo desde abajo, desde nosotros o desde nuestra pequeña parte, hecha quizás con la pretensión de comprender el todo. Más bien, si la verdad total existe, debe ser capaz de llegar a nosotros desde lo alto: como el *sol de justicia* que se levanta *para los buenos y para los malos* y puede iluminar a cada uno de nosotros, gratuitamente, incluso en este tiempo.

Por un lado, la tensión de los *desesperados del bienestar*, por el otro, el grito –a veces silencioso– de los desfavorecidos e indefensos: esto bastaría para definir nuestro tiempo como un *tiempo de crisis*. Sin embargo, no hay época que no pueda encontrar su salvación y sus oportunidades. De hecho, la misma crisis, que pone de manifiesto nuestra impotencia, puede convertirse en una oportunidad favorable para abrirnos al más allá. También en este caso, entonces, es el éxodo el que abre el camino y prepara el corazón del hombre para un encuentro más auténtico con cada *otro* y sobre todo con Dios. Él, precisamente a través del maravilloso misterio de la encarnación de su Hijo Jesús, quiso salvarnos descendiendo a nuestra propia inconsistencia y pobreza. Y esto, por amor.

La novedad de un Dios que desciende

Con respecto a cada tendencia a *elevarse*, que es propia del anhelo humano y que toda religión favorece, el Dios de Jesucristo sigue siendo la absoluta y abrumadora novedad: un Dios que desciende, movido por ser Él mismo el Amor. Un amor loco, que no espera nuestros méritos para encontrarnos, sino que primero toma la iniciativa del perdón y la reconciliación, como haría un padre cercano a sus hijos desorientados, en peligro. En Jesús, Dios se hace carne para alcanzar nuestra humanidad y compartir con nosotros el éxodo de nuestra lejanía de Dios y entre nosotros – consecuencia del pecado–, y llevarnos dentro de su misma relación filial con el Padre.

En el centro de la vida de J.B. Scalabrini –lo sabemos– está la contemplación de este misterio: “El Hijo desciende [...] se hace escalera al revés, toma la materia, la anima, la hace suya y subiendo por la gran escalera de los seres, los lleva a todos de vuelta y los presenta en sí mismo a Dios Padre” (notas de J.B. Scalabrini en ocasión de la Navidad).

Más allá del hábito, que puede aplastar también la vida cristiana con el riesgo de banalizar incluso las mayores certezas, el escándalo y el asombro que estas mismas certezas suscitan en los amigos que se declaran ateos o pertenecientes a otras religiones nos despiertan a la sorprendente novedad de nuestra fe.

Tres formas de mirar

Por lo menos tres –así nos parece– son nuestras formas de mirar. Hay ojos que fotografían la realidad, pero que no pueden ver más allá de lo que aparece. Luego, hay ojos que investigan con la razón las causas y consecuencias de los eventos, a menudo determinados por aquello que tienen el poder de decidir sobre los demás: esta forma de mirar también puede obtener resultados muy precisos, no banales, intelectualmente satisfactorios, pero no logra, la mayoría de las veces, sacarnos de la angustia, de la impotencia y el miedo al futuro. Finalmente, están los ojos de la fe, que a la luz de la Palabra de Dios tratan de mirar el mundo, la historia, a nosotros mismos y a los demás con los ojos de Dios.

De hecho, no es tan importante mirarnos unos a otros horizontalmente, como si la salvación viniera de nosotros, sino preguntarnos cómo Dios nos ve. Sabemos que Jesús, el Hijo de Dios hecho hombre, en sus ojos llenos de amor y misericordia nos mostró los mismos ojos de un Dios que es para nosotros y nos ama.

Más bien, precisamente en su rostro humano podemos contemplar el mismo rostro de Dios, que es Amor: el rostro de un Padre que espera a cada hijo, cada uno de nosotros, hasta que vuelva libremente a casa, en su propia vida de comunión; un Padre que no deja de mirarnos con la misma mirada de amor con la que mira a su Hijo. Esto no paraba de asombrar a J.B. Scalabrini:

“Dios ama a su Hijo y lo ama esencialmente y es imposible que se complazca en otros más que en Él, porque el amor de Dios es infinito y no puede tener otro objeto que un objeto infinito: *Hic est Filius meus dilectus in quo mihi bene complacui [Este es mi hijo predilecto en el cual he puesto mi complacencia] (Mt. 17,5)*. Pero ese Hijo suyo querido se hizo hombre. Por lo tanto, en Él ama al hombre. Con una única complacencia y dilección, en Jesús abraza todo, también el cuerpo, también la carne, también el alma. Ahora nosotros somos aquella carne, aquellos huesos; nosotros somos aquella naturaleza; somos un cuerpo con Cristo y en Él y por Él somos hechos hijos de Dios, mejor dicho, el mismo Hijo de Dios que se prolonga en nosotros. Por lo tanto, nosotros también en Él estamos envueltos y comprendidos por el Padre en un solo acto de amor; y como en nosotros y sobre nosotros se extiende y despliega la filiación por la cual Cristo es Hijo de Dios, así también se extiende y despliega en nosotros el amor del Padre y por lo tanto en su Hijo de por sí grato y querido para Él, también nosotros estamos hechos para ser gratos y queridos para Él: *gratificavit nos in dilecto Filio suo [Nos ha complacido en su amado Hijo]*”¹.

Descubriéndonos bajo esta mirada de amor y salvación, todo cambia.

¹ Giovanni Battista Scalabrini, *Carta Pastoral para la Santa Cuaresma de 1878*, en *Scalabrini, una voz viva*, Ediciones Scalabrinianas, Merlo - Buenos Aires 2004, 4.

Límite, pobreza e impotencia

Sólo los ojos de la fe, capaces de contemplar el misterio de un Dios que desciende y se hace pobre, pueden darnos la estima por nuestra propia pobreza y la de los demás.

Un Dios que se hace pobre para alcanzar al hombre en el abismo de su pobreza es un escándalo insoportable para quien, encerrado en la meta del lucro, piensa en obtener una vida plenamente satisfecha sólo en el camino del tener, del poder, del éxito. Y sin embargo, el mismo escándalo puede encender una luz roja en la niebla de nuestra evaluación inmediata: ¿y si la pobreza fuera el “jarrón” para recibir la riqueza verdadera, la que nos puede ser donada sólo de lo alto, si justo esta fuera la ocasión para descubrir el tesoro escondido en el campo o para encontrar la perla preciosa de nuestra alegría?!

Puede ser una gracia estar frente a la propia realidad que –finalmente desenmascarada– puede abrirse, precisamente gracias a su limitación, hacia el horizonte de una verdad más amplia y profunda. De hecho, nos enfrentamos a situaciones tan complejas que a menudo nos sentimos humanamente impotentes. Pero justo allí donde nuestra impotencia –finalmente– se manifiesta, es donde nuestra existencia, pobre y desnuda, puede abrirse a recibir de lo alto un don que supera cada espera.

En este sentido, el límite, la pobreza y la impotencia se pueden vivir no simplemente como un *déficit*, sino como *posibilidad* de hacer espacio para recibir algo que nos sobrepasa y así responder a la más alta realización de nuestra humanidad. Una oportunidad única y propicia para salir de ese mundo autocéntrico que, mientras excluye al otro, al diferente, al extranjero, se sofoca en el recinto de su propio yo y de sus iguales, sin la posibilidad de un respiro más amplio y profundo: sin alegría.

El desierto puede florecer

Particularmente importante, entonces, para vivir en nuestro tiempo, es precisamente la fe. Ella es como esa lluvia, benéfica y regenerativa, que puede transformar el desierto en un jardín.

Para muchos, el mundo de hoy aparece justo como un desierto golpeado por los vientos despiadados de la guerra y violencia de todo tipo, por una terrible tormenta de arena causada por un desequilibrio extremo entre riqueza y pobreza.

A menudo, el desierto parece inmóvil, aunque en realidad el viento cambia constantemente las connotaciones del paisaje. Silencio, vacío, espejismos. La disposición de las dunas permite, sí, identificar la dirección de los vientos predominantes, que, sin embargo, moviéndolas continuamente, las hacen poco confiables como puntos de referencia. Pero cuando llueve, el desierto cambia su apariencia de inmediato. El agua de lluvia en parte se evapora inmediatamente, debido a las altas temperaturas, y en parte se filtra en el suelo, alimentando los acuíferos, de los cuales, por ejemplo, el Sahara es muy rico. Cuando el agua aparece sobre la superficie, se forman los oasis, donde se puede admirar la vegetación de una variedad impresionante.

Aún más asombroso es el desierto de Atacama, ubicado en el norte de Chile, el más árido del mundo. Esta área, situada entre los Andes y el Océano Pacífico, tiene un encanto increíble, un espectáculo único e inesperado. De hecho, gracias a las nieblas procedentes de la costa, la vida sigue resistiendo y muchas plantas sobreviven en forma de semillas y bulbos. Estos pueden descansar entre las rocas y debajo de la arena durante muchos años.

Cuando el anticiclón del Pacífico, que provoca el desierto, se desplaza hacia el norte gracias a la corriente, ¡se produce el milagro de la lluvia! En unas pocas horas, el desierto se convierte en un

inmenso jardín, cubierto con una alfombra de pequeñas flores de colores. Empiezan a aparecer en septiembre y siguen floreciendo hasta finales de diciembre: germinan, se abren, se diseminan y mueren en pocas semanas. El ciclo luego se reanuda en marzo. A menudo florecen en secuencia, de modo que un paisaje, que hasta hace poco era gris y carente de vida, aparece primero rojo, después de unas semanas amarillo y finalmente azul.

Nunca he estado en el Sahara y ni he podido contemplar el espectáculo del desierto florido de Atacama. Sin embargo, todo esto me habla.

También en el desierto de nuestra sociedad actual, globalizada y cada vez más tecnificada, las semillas de la verdad, de la bondad y del amor no están muertas. Más bien, revelan toda su fuerza de belleza y vida tan pronto como cae la lluvia... Una vez que se haya visto este espectáculo –el del florecimiento de una nueva humanidad– se puede vivir en una espera laboriosa y confiada, seguros de un nuevo milagro, siempre posible, en cada temporada. Es el milagro de una lluvia capaz de sacar a la luz y realzar lo que es bueno, hermoso y verdadero, que ya existe pero que no podría florecer sin el don del agua que baja del cielo.

Todavía será el éxodo

Hemos comparado la fe con esta lluvia que cae generosamente de lo alto para llamar todo a la vida. Hoy, como en todo momento, necesitamos experimentar la estima y la confianza de un Dios que nos creó por amor, que por amor se hizo pobre y por amor sabe cómo esperar nuestra respuesta. Entonces podemos levantar nuestras cabezas y, llenos de gratitud y esperanza, podemos –también nosotros– colaborar para transformar, tanto en lo pequeño como en lo grande, el desierto de nuestro mundo en un jardín hospitalario.

No sólo en Belén hace dos mil años, sino que cada día Dios desciende y nos espera en el corazón de nuestra pobre realidad, la más verdadera, en la que, sin embargo, nosotros mismos no siempre tenemos el valor de descender humildemente. A menudo preferimos escapar, permaneciendo en la superficialidad de la apariencia que primero nos engaña a nosotros mismos, entregando nuestras vidas al consumismo y las modas, en un cambio continuo, sólo formal. Corremos el riesgo de permanecer sedientos incluso si estamos cerca de las fuentes del agua viva, o también hambrientos a pesar de que conocemos la casa de pan. Necesitamos liberar en nosotros nuestra necesidad más auténtica de Dios, pero ¿cómo?

Siempre será y seguirá siendo el éxodo, ese movimiento de salida que nos ha hecho nacer y que nos hará nacer de nuevo. No sólo ese éxodo profundo de nosotros mismos, que nos abre para recibir un don de lo alto, sino también todos aquellos pasos que, llevándonos fuera de nuestro egocentrismo hacia la humanidad que más sufre, nos permiten reconocernos a nosotros mismos como hijos y hermanos.

Como en el momento decisivo de la historia cuando Dios ha esperado el sí de María para cumplir su increíble plan de amor, así todavía espera el sí de la libre adhesión de nuestra parte y de cada hombre.

La pasión por Jesucristo es el secreto de la vida de J.B. Scalabrini. Enamorado de la Eucaristía, continuamente él contempla al Hijo de Dios que se hace hombre para revelar el amor del Padre y para devolverle a Él la humanidad renovada.
(Texto básico de la *Traditio Scalabriniana*, 3)

[Traducción del texto original en italiano: Óscar Badillo, Giuliana Fusi]

O Senhor faz história no carisma scalabriniano

Ir. Zélia Carolina Ornaghi, mscs

Nosso mundo atualmente parece estar na mais completa ebulição no que se refere ao movimento migratório. Pessoas que, individual ou em grupos, às vezes, grandes grupos, obrigam-se, voluntária ou involuntariamente a abandonar suas pátrias, coagidos pelos mais diversos motivos: econômicos, sociais, perseguições, guerras, o tráfico ilegal de pessoas. Especuladores gananciosos iludem a muitos com o sonho da liberdade e crescimento pessoal fácil; lançados em frágeis barcos, perdem a vida nas águas oceânicas como a mídia nos revela.

Se nos séculos passados a migração era considerada um fenômeno natural pelo qual se formaram as nações, hoje, em consequência das causas que a geram, a atual migração perde a conotação de “fenômeno natural” para tornar-se um movimento humano a exigir das nações abertura, um espaço de recepção e reconhecimento dos direitos fundamentais da pessoa humana.

Frente à realidade sofrida de tantos irmãos, a Igreja, fiel à missão que o Senhor lhe confiou, a exemplo de Jesus e de seu ensinamento, vive e pede aos cristãos e a toda sociedade a prática do “Eu era migrante e me acolhestes”.

Sob esta premissa, surgiram, na Igreja, as Congregações missionárias doadas ao serviço humano, social e espiritual do migrante, pelo dom-carisma dado por Deus ao bem-aventurado João Batista Scalabrini e, por ele, graças à ação do Espírito Santo, transmitido aos chamados à vivência do mesmo carisma.

Segundo o documento *Mutuae Relationes* 11 “o Carisma dos fundadores se revela como uma experiência do Espírito transmitida aos próprios discípulos, para ser por estes vivida, zelada, aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o corpo de Cristo em perene crescimento”.¹

Dortel Claudot, em seu livro *Reflexões sobre o carisma de uma congregação*, assim diz: “O carisma de uma família religiosa é antes de tudo uma maneira própria e original de reproduzir o mistério de Cristo, de viver o Evangelho. Isto explica porque todos os fundadores deram a seus discípulos, em primeiro lugar o Evangelho e em segundo lugar uma Regra (Constituições), quer dizer, uma maneira particular, que o Espírito Santo lhes inspirou, de viver o Evangelho”.²

Como missionária scalabriniana, pergunto-me: qual o aspecto do mistério de Cristo, que atitudes de Jesus frente a Deus e aos irmãos estou chamada a reproduzir em virtude do meu carisma? Em que passagem do Evangelho ou missão de Jesus encontro como que sintetizado meu modo especial de ser e fazer em favor dos irmãos?

¹ *Mutuae Relationes* é o documento publicado em 1978 pela Sagrada Congregação para os Bispos e pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica para apresentar os critérios orientativos a respeito das relações entre bispos e institutos de vida consagrada.

² Cfr. Dortel-Claudot, Michel. “Les Communautés Nouvelles”. In: Comité Canonique Français des Religieux. *Vie religieuse, érémitisme, Consécration des vierges, Communautés nouvelles*. Paris: Cerf, 1993.

O carisma scalabriniano, a que somos vocacionadas pela gratuidade divina, pede-nos a identificação com Cristo encarnado que não se apegou à sua condição divina. Ao contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumiu a condição de servo, assumiu nossa humanidade, humilhou-se, tornando-se obediente até a morte de cruz.

Viver o carisma é identificar-se com este Cristo encarnado que se sujeitou a sofrer a mesma experiência do migrante, do refugiado, exilado em terra estrangeira. E, ainda, como peregrinas, forasteiras, os olhos fixos em Jesus pobre, obediente ao Pai, rogando-lhe nos converta à gratuidade, à generosidade, ao desprendimento, ao êxodo de nós mesmas, ao amor, à justiça, à coragem de doar a vida na alegre esperança de quem caminha em Ele, o Senhor Jesus, e com os irmãos migrantes rumo à Pátria prometida.

Ter os olhos fixos em Jesus é ter Cristo encarnado por centro de nosso ser, o móvel de todo nosso agir, como nos estimulam nossas Constituições.³ Esta maneira específica, própria de viver o relacionamento com Deus, de buscar a configuração com Cristo encarnado, chama-se espiritualidade própria.

O critério base que caracteriza esta vivência é o carisma. E todo carisma possui seu programa ascético que se revela no específico modo de ser feito de: - virtudes características (NC 116); - de oração (NC 54 e 58); - do modo de estabelecer relações (NC 42 a 46); - das qualidades morais necessárias para o apostolado próprio (NC 64 a 68); - do modo característico de viver a consagração (NC 15 a 40).

Aos irmãs missionárias doadas ao serviço evangélico aos migrantes cabe dedicar-se, com veneração e gratidão, ao estudo-meditação da história do carisma, da experiência do fundador e cofundadores, porque esta história passa a ser sua história pessoal e o que dá o sentido de pertença ao Instituto e a determinado estilo de vida (NC 116).

O carisma não é um dom individual, mas social. É uma graça, uma experiência de Deus a ser vivida em relação com outros que partilham do mesmo dom, da mesma graça – quer dizer – em comunidade. É uma convocação, uma corresponsabilidade. Seguindo os passos do Beato Giovanni Battista Scalabrini, a dimensão comunitária deve ser sublinhada: “A missão que recebemos da Igreja toma sentido e credibilidade se, ao anunciar a mensagem de Cristo, vivermos em comunhão com Ele e com os irmãos. Por isso, optamos por viver em comunidade de vida e nos propomos tornar-nos testemunhas de fraternidade e de unidade para todo o mundo...”⁴

Viver o carisma é, pois, viver em comunidade para a missão, para realizar sua finalidade apostólica, uma vez que a vida comunitária e a atividade apostólica nascem do carisma e encontram seu fundamento na espiritualidade específica (NC 115).

Por ser um dom social, o carisma é transmissível, tem seguidores. É através deles que perdura na Igreja. Ele contém, essencialmente, uma missão de vida e de ação, isto é, um serviço aos irmãos para edificação da Igreja.

³ Nos parágrafos seguintes os números precedidos pela abreviação NC se referem às Constituições das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas.

⁴ Em *A voz, o caminho, a ação do Bem-aventurado J.B. Scalabrini*, III, Centro de Estudos Migratórios - Província Imaculada Conceição, 1999, 45, retomando a carta enviada, em 15 de março de 1982, por João Batista Scalabrini aos seus missionários.

Nossas Constituições nº 117, em outras palavras, repetem-nos PC nº 8: “Toda Vida Religiosa dos seus membros há de embeber-se do espírito apostólico e toda a ação apostólica animar-se do espírito religioso”.

A motivação, o porquê que impele o religioso à missão de servir é a vivência radical do Cristo, segundo seu próprio carisma. E este carisma vivido em comunidade chama-se *Tradição* (maiúscula) que é a mesma experiência original revivida, custodiada, aprofundada e desenvolvida pela comunidade dos seguidores. A *Tradição*, ao encarnar-se em cada nova circunstância histórica, projeta-se em ações socioculturais que são as *tradições*.

Assim, uma coisa é a *missão* e outra são as *obras apostólicas* nas quais a *Tradição* foi se expressando, enriquecendo, evoluindo e explicitando algumas de suas virtualidades. A *missão* como tal não muda. Podem mudar as *obras apostólicas*, porque o carisma, de que a *missão* é uma das vertentes, nunca se identifica totalmente com as *obras*.⁵

Temos, pois, *missão* e *missões*. *Missão*, repetindo, é a vida, o testemunho, o seguimento de Cristo segundo o carisma e as Constituições, que são a forma de vivê-lo. Ela inclui os três núcleos: vocação, comunhão, consagração e os expressa em forma dinâmica – as *missões* (NC 114). *Missões* é a finalidade própria. É o serviço apostólico marcado pelo espírito do fundador, segundo a necessidade por ele percebida pela graça do carisma recebido. A finalidade apostólica não é todo o carisma, mas é um elemento muito importante. Perdendo-se a finalidade, perde-se o carisma.

Na carta aos consagrados da América Latina, o santo Papa João Paulo II enfatiza: “Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado, Senhor da vida e da história, tem que ser o ideal vivo e perene de todos os consagrados. Da sua palavra se vive, na sua companhia se caminha, da sua presença interior se goza, da sua missão salvífica se participa. A sua pessoa e o seu mistério são o anúncio e o testemunho essencial do vosso apostolado. Não podem existir solidões quando Ele preenche o coração e a vida. Não devem existir dúvidas acerca da própria identidade e missão quando se anuncia, se comunica e se encarna o seu mistério e a sua presença entre os homens”.⁶

O dom do Espírito dado a Scalabrini continua vivo naqueles que o Senhor chama a dele participar. A fidelidade criativa a este dom fez desabrochar uma espiritualidade que tem suas origens em Scalabrini e no carisma que o Senhor deu, através dele, à Igreja para o mundo da mobilidade humana. Hoje são muitos os que, confrontados com a realidade migratória, encontram na espiritualidade scalabriniana um tesouro a ser descoberto para viver em plenitude, a vida cristã (Texto-base da Traditio Scalabriniana, 2).

⁵ Cf. Jesus A. Gomes, cmf, *Vida Consagrada para o Terceiro Milênio. Da renovação à refundação*, Paulus, São Paulo 2000.

⁶ João Paulo II, *Carta Apostólica aos religiosos e religiosas da América Latina por ocasião do V centenário da evangelização do Novo Mundo*, 29 de junho de 1990, 16.

Il Signore fa storia nel carisma scalabriniano

Sr. Zélia Carolina Ornaghi, mscs

Il nostro mondo oggi sembra essere massimamente in fermento per quanto riguarda il movimento migratorio. Persone che, singolarmente o in gruppo, a volte in grandi gruppi, volontariamente o forzatamente decidono di abbandonare la propria patria per i motivi più diversi: ragioni economiche, sociali, persecuzioni, guerre, traffico illegale di persone. Speculatori avidi ingannano molti con il sogno della libertà e della facile riuscita personale; costoro, buttati su fragili barche, perdono la vita nelle acque dei mari e degli oceani, come i mezzi di comunicazione ci mostrano.

Se nei secoli passati la migrazione era considerata un fenomeno naturale attraverso il quale si sono formate le nazioni, oggi, come conseguenza delle cause che la generano, l'attuale migrazione perde la connotazione di "fenomeno naturale" per diventare un movimento umano che esige dalle nazioni apertura, uno spazio di accoglienza e di riconoscimento dei diritti fondamentali della persona umana.

Di fronte alla sofferenza di tanti fratelli e sorelle, la Chiesa, fedele alla missione affidata dal Signore, su esempio di Gesù e del suo insegnamento, vive e chiede ai cristiani e a tutta la società di vivere le parole del Vangelo: "Ero migrante e mi avete accolto".

A partire da questo, nella Chiesa – grazie al carisma donato da Dio al Beato Giovanni Battista Scalabrini e da lui trasmesso, grazie all'azione dello Spirito Santo, a coloro che sono chiamati a vivere lo stesso carisma – sono sorte le congregazioni missionarie dedite al servizio umano, sociale e spirituale del migrante.

Secondo il documento *Mutuae Relationes* 11 il carisma dei fondatori "si rivela come un'esperienza dello Spirito trasmessa ai propri discepoli per essere da questi vissuta, custodita, approfondita e costantemente sviluppata in sintonia con il corpo di Cristo in perenne crescita".¹

Dortel Claudot, nel suo libro *Riflessioni sul carisma di una congregazione*, afferma: "Il carisma di una famiglia religiosa è soprattutto un modo proprio e originale di riprodurre il mistero di Cristo, di vivere il Vangelo. Questo spiega perché tutti i fondatori hanno dato ai loro discepoli in primo luogo il Vangelo e in secondo luogo una Regola (Costituzioni), cioè una via particolare, ispirata dallo Spirito Santo, di vivere il Vangelo".²

Come missionaria scalabriniana, mi chiedo: quale aspetto del mistero di Cristo, quali atteggiamenti di Gesù nei confronti di Dio e dei fratelli sono chiamata a riprodurre in forza del carisma ricevuto? In quale passaggio del Vangelo o in quale aspetto della missione di Gesù trovo sintetizzato il mio modo speciale di essere e di agire in favore dei fratelli?

¹ *Mutuae Relationes* è il documento pubblicato nel 1978 dalla Sacra Congregazione per i Vescovi e dalla Sacra Congregazione per i Religiosi e gli Istituti Secolari [che oggi si chiama Congregazione per gli Istituti di Vita Consacrata e Società di Vita Apostolica] per presentare i criteri orientativi riguardo alle relazioni fra vescovi e istituti di vita consacrata.

² Cfr. Dortel-Claudot, Michel. "Les Communautés Nouvelles". In: Comité Canonique Français des Religieux. *Vie religieuse, érémitisme, consécration des vierges, communautés nouvelles* ["Le nuove comunità". In: Comitato canonico francese dei religiosi. *Vita religiosa, eremitismo, consacrazione di vergini, nuove comunità*]. Paris: Cerf, 1993.

Il carisma scalabriniano, al quale siamo chiamate per la gratuità di Dio, ci chiede di identificarci con il Cristo incarnato che non fu geloso della sua condizione divina. Al contrario, svuotò se stesso, assunse la condizione di servo, assunse la nostra umanità, si umiliò, facendosi obbediente fino alla morte di croce.

Vivere il carisma significa identificarsi con questo Cristo incarnato che ha sofferto la stessa esperienza del migrante, del rifugiato, dell'esiliato in terra straniera. E ancora, come pellegrine, forestiere, con gli occhi fissi su Gesù povero, obbediente al Padre, Lo imploriamo di convertirci alla gratuità, alla generosità, al distacco, all'esodo da noi stesse, all'amore, alla giustizia, al coraggio di dare la vita nella gioiosa speranza di coloro che camminano con Lui, il Signore Gesù, e con i fratelli migranti verso la Patria promessa.

Avere gli occhi fissi su Gesù è avere il Cristo incarnato come centro del nostro essere, motivo di tutto il nostro agire, così come le nostre Costituzioni ci ricordano³.

Questo modo specifico di vivere la relazione con Dio, di cercare la configurazione con il Cristo incarnato, è chiamato spiritualità propria.

Il criterio base che caratterizza questa esperienza è il carisma. E ogni carisma ha un proprio programma ascetico che si rivela nella specificità di alcuni aspetti che riguardano: - le virtù caratteristiche (NC 116); - la preghiera (NC 54 e 58); - il modo di stabilire relazioni (NC 42-46); - le qualità morali necessarie per il proprio apostolato (NC 64-68); - il modo tipico di vivere la consacrazione (NC 15-40).

Alle suore missionarie chiamate al servizio evangelico dei migranti spetta dedicarsi, con venerazione e gratitudine, allo studio-meditazione della storia del carisma, dell'esperienza del fondatore e dei co-fondatori, perché questa storia diventi la propria storia personale, ciò che dà il senso di appartenenza all'Istituto e ad un determinato stile di vita (NC 116).

Il carisma non è un dono individuale, ma sociale. È una grazia, un'esperienza di Dio da vivere in relazione con coloro che condividono lo stesso dono, la stessa grazia e, precisamente, in comunità. È una con-vocazione, una con-responsabilità. Seguendo le orme del Beato Giovanni Battista Scalabrini va sottolineata la dimensione comunitaria: "La missione che abbiamo ricevuto dalla Chiesa ha significato e credibilità se, nell'annunciare il messaggio di Cristo, viviamo in comunione con Lui e con i fratelli. Ecco perché abbiamo scelto di vivere in una comunità di vita e ci siamo proposte di essere testimoni di fraternità e unità per il mondo intero".⁴

Vivere il carisma è quindi vivere in comunità per la missione, per realizzare la finalità apostolica propria, dal momento che la vita comunitaria e l'azione apostolica nascono dal carisma e trovano il loro fondamento nella spiritualità specifica (NC 115).

Poiché è un dono sociale, il carisma è trasmissibile, ha dei seguaci. È attraverso di loro che continua nella Chiesa. Esso contiene in sé una missione di vita e di azione, cioè un servizio ai fratelli per l'edificazione della Chiesa.

³ Nei paragrafi successivi i numeri preceduti dall'abbreviazione NC si riferiscono alle Costituzioni delle Suore Missionarie di San Carlo Borromeo, Scalabriniane.

⁴ Così in *A voz, o caminho, a ação do Ben-aventurado J.B. Scalabrini* [La voce, la via, l'azione del Beato Giovanni Battista Scalabrini], III, Centro de Estudos Migratórios - Província Imaculada Conceição 1999, 45, che riprende la lettera inviata da G.B. Scalabrini ai suoi missionari il 15 marzo 1982.

Le nostre Costituzioni al n. 117, in altre parole, ripetono quanto detto nel *Perfectae Caritatis* 8: “Perciò tutta la vita religiosa dei membri sia compenetrata di spirito apostolico, e tutta l'azione apostolica sia animata da spirito religioso”.

La motivazione che spinge il religioso alla missione di servire è l'esperienza radicale di Cristo secondo il carisma specifico. E questo carisma vissuto in comunità si chiama *Tradizione*, cioè la stessa esperienza originale rivissuta, custodita, approfondita e sviluppata dalla comunità di coloro che hanno raccolto l'eredità. La *Tradizione*, incarnandosi in ogni nuova circostanza storica, si esprime in azioni socio-culturali che sono le *tradizioni*.

Così, una cosa è la *missione* e un'altra sono le *opere apostoliche* in cui la *Tradizione* si manifesta, arricchendo, sviluppando ed esplicitando alcune delle sue potenzialità. La *missione* in quanto tale non cambia. Possono cambiare le *opere apostoliche*, perché il carisma, di cui la *missione* è uno degli aspetti, non si identifica mai totalmente con le *opere*.⁵

Abbiamo, dunque, *missione* e *missioni*. La *missione*, in altre parole, è la vita, la testimonianza, la sequela di Cristo secondo il carisma e le Costituzioni, che sono il modo di viverlo. Essa comprende i tre nuclei: vocazione, comunione, consacrazione e li esprime in forma dinamica – le *missioni* (NC 114). Le *missioni* dicono la finalità propria. È il servizio apostolico caratterizzato dallo spirito del fondatore, secondo il bisogno da lui percepito attraverso la grazia del carisma ricevuto. Il fine apostolico non è tutto il carisma, ma è un elemento molto importante. Se la finalità si perde, il carisma stesso si perde.

Nella Lettera ai consacrati dell'America Latina, Papa Giovanni Paolo II sottolinea: “Gesù Cristo, crocifisso e risorto, Signore della vita e della storia, deve essere un ideale vivente; in sua compagnia si cammina; della sua presenza interiore si gioisce; della sua missione salvifica si partecipa. La sua persona e il suo mistero sono l'annuncio e la testimonianza essenziale del vostro apostolato. Non possono esistere solitudini quando Egli riempie il cuore e la vita. Non devono esistere dubbi circa la propria identità e missione quando si annuncia, si comunica e s'incarna il suo mistero e la sua presenza tra gli uomini.”⁶

Il dono dello Spirito dato a Scalabrini continua vivo in quanti il Signore chiama a parteciparne. La fedeltà creativa a questo dono ha portato allo sviluppo di una spiritualità che affonda le sue radici in Scalabrini e nel carisma che il Signore ha donato tramite lui alla Chiesa per il mondo della mobilità. Oggi sono molti coloro che, confrontati con la realtà migratoria, trovano nella spiritualità scalabriniana un tesoro cui attingere per vivere in pienezza la loro vita cristiana. (Testo base della Traditio Scalabriniana, 2).

[Traduzione dell'originale portoghese: Sr. Etra Modica, *mcs*]

⁵ Cfr.: Jesus A. Gomes cmf, *Vida Consagrada para o Terceiro Milênio. Da renovação à refundação [Vita consacrata per il terzo millennio. Dalla rinnovazione alla rifondazione]*, Paulus, São Paulo 2000.

⁶ Giovanni Paolo II, *Lettera Apostolica ai religiosi e alle religiose dell'America Latina in occasione del V Centenario dell'evangelizzazione del Nuovo Mondo*, 29 giugno 1990, 16.

INDICE

Presentazione -- Apresentação – Presentation – Presentación	p. 3
<i>Deepening/ Aprofundamento</i>	
The Scalabrinian Spirit in 1914 and 2018	p. 7
Lo spirito scalabriniano nel 1914 e nel 2018	p. 13
<i>P. Pietro Paolo Polo, cs</i>	
<i>Meditazione/ Meditación</i>	
Un Dio che scende e “si fa scala a rovescio”	p. 19
Un Dios que desciende y “se hace escalera al revés”	p. 23
<i>Maria Grazia Luise, mss</i>	
<i>Aprofundamento / Approfondimento</i>	
O Senhor faz história no carisma scalabriniano	p. 27
Il Signore fa storia nel carisma scalabriniano	p. 30
<i>Sr. Zélia Carolina Ornaghi, mscs</i>	

A cura di
Missionari di San Carlo – Scalabriniani
Suore Missionarie di San Carlo – Scalabriniane
Missionarie Secolari Scalabriniane

The Scalabrinian Spirit in 1914 and 2018
Lo spirito scalabriniano nel 1914 e nel 2018

P. Pietro Paolo Polo, cs

Un Dio che scende e “si fa scala a rovescio”
Un Dios que desciende y “se hace escalera al revés”

Maria Grazia Luise, mss

O Senhor faz história no carisma scalabriniano
Il Signore fa storia nel carisma scalabriniano

Sr. Zélia Carolina Ornaghi, mscs

